

Olhar de novo!

A Casa Amarela é uma Escola de Educação Infantil de Pedagogia Waldorf situada em Florianópolis. Através da parceria com o projeto Território do Brincar temos a oportunidade de conhecer e ver a criança brincando em diferentes contextos culturais do nosso país. Participar do olhar para culturas da infância tão distantes da nossa e ao mesmo tempo tão próximas, já que estamos falando de crianças, é um convite para o exercício de olhar e escutar a criança nos permitindo refletir sobre criança, brincadeira e escola.

Embora a Casa Amarela tenha crianças de um poder aquisitivo muito diferente das crianças pesquisadas, podendo de certo ponto de vista, coloca-las em contextos muito distintos, elas também se aproximam, quando refletimos sobre a essência da infância, através do brincar. Olhar crianças que utilizam um serrote com autonomia porque a usam desde bem pequenas, como foi mostrado na comunidade Pomerane, ou como outras crianças que participam de uma festa como a do *Nego Fugido* de Acupe, pode nos provocar trazendo um olhar de estranhamento. Outras vezes este mesmo olhar nos aproxima ao reconhecer em algum brinquedo, gesto, cantiga algo que experimentamos na nossa própria infância. Assim entre estranhamentos e aproximações vamos ao encontro da criança que fomos e da criança que educamos. Neste exercício de olhar para fora e olhar para dentro, olhamos mais uma vez, para a criança na escola. Este olhar, agora mais ventilado, inspira um olhar mais sensível para um cotidiano que como qualquer outra atividade que exige esforço e repetição diária pode adormecer fazendo com que nosso olhar se torne sonolento. Assim convido a todos para olhar de novo:

Depois do lanche as crianças saem para o jardim. Olho da porta da minha sala aquele corre, corre, sobe e desce, gritos de alegria, alguns tropeções, meu olhar descansa: parece tudo sob “controle”. Olho sem olhar pensando que ainda preciso fazer isto e aquilo para deixar tudo prontinho até o final da manhã... Mas ao passar os olhos pelo tanque de areia, Pedro me chama atenção! Ele fez uma mistura de areia com terra e muita água. Ele passa e repassa as suas mãos sobre a sua mistura e feliz olha a camada de barro que cobrem suas mãos. Ele vai até a casinha onde parece imitar os gestos de um pintor: sobe e desce, desce e sobe, assim ele vai pintando todas as tábuas da casinha. De repente nesta “subida” o barro respinga em seu rosto. Ele tem vontade de chorar,

mas seus amigos começam a rir e o que deu vontade de chorar agora deu vontade de continuar! Ele passa a mão de barro toda no seu rosto, só se via seus olhinhos cheios de vida e entusiasmo. Todos se animam e começam a se pintar. Meu olhar se distancia e preciso ser sincera, já penso na trabalhadeira que esta brincadeira vai me dar, quanta coisa vou ter que limpar: casinha, crianças, roupa e ainda para finalizar alguma observação crítica da mãe ao ver a sacolinha de roupa suja voltando para casa. Meu corpo até se cansa antes de começar a limpar. O meu olhar volta a focar a brincadeira e ao olhar aquele gesto de pintura no rosto das minhas crianças me lembro, bem de repente, das crianças se pintando para a Festa do *Nego Fugido*, com carvão e óleo. Lá eu estava apenas de observadora e pude olhar e degustar o gesto, a textura, o encontro, o tato, das crianças que passavam o carvão oleoso no rosto de seus amigos.

Ops, uma criança me puxa pelo avental, meus pensamentos foram tão longe, será que eu não a ouvi me chamando? É Alice e está com sede, vou até a janelinha da classe e entrego-lhe um copo de água. Terminada a tarefa, meus olhos voltam a procurar a brincadeira com barro que me fez ir até o Recôncavo Baiano na festa do *Nego Fugido*.

Escuto uma gritaria, ah, achei! Eles estão correndo pelo jardim assustando todos a sua frente. Algumas crianças, os menores, choram e vem pedir ajuda para as professoras, outras se divertem correndo e provocando “os monstros”: “Você não me pega, lá, lá lá lá lá.”

Divirto-me ao pensar que se estivéssemos em Acupe a provocação seria: “Venha Careta, Venha!!!!” e então me assusto ao relacionar: “Mas então é a mesma brincadeira?”

As brincadeiras daquelas crianças de um lugar tão distante de nós, como da cidade do Recôncavo Baiano, Acupe, se mostraram de forma tão parecida e essencial a um grupo de crianças de uma escola de educação infantil em Florianópolis. É este olhar que busca o essencial e sensível do universo infantil que nos aproxima da criança e nos convida a olhar de novo!

Sandra Eckschmidt